

In Memoriam: **Lúcio Craveiro da Silva**

Luís Lobo-Fernandes

Luís Lobo-Fernandes
Professor Catedrático de Ciência Política e Relações
Internacionais, Universidade do Minho,
Cátedra Jean Monnet
Non-Resident Fellow na School of Advanced
International Studies, Johns Hopkins University,
Washington D.C.
luislobo@eeg.uminho.pt

Lúcio Craveiro da Silva e os estudos internacionais em Portugal: Testemunho indispensável sobre o seu papel precursor

Há sessenta e dois anos, num brilhante ensaio intitulado “Problemas iminentes na vida internacional” insito na sua obra *A Idade do Social*, Lúcio Craveiro da Silva (1914-2007) sugeria que a aproximação das distâncias, a maior interdependência dos povos, a necessidade de mercados, a luta pela concorrência, os “trusts” e as “holding societies” que ligam regiões e continentes distantes, virão a gerar, segundo as suas próprias palavras, *pulsações mundiais*, efeitos de alastramento ou crises políticas mais generalizadas que modificarão significativamente o sistema das relações internacionais: “Às guerras internacionais – sangrentas, económicas ou... frias! – devemos por isso acrescentar as guerras civis, as rebeliões, as revoluções, que põem barbaramente os cidadãos de uma mesma nação frente a frente, em atitude agressiva, a multiplicar a incerteza e a instabilidade (...) Estas incertezas, crises, lutas e contradições, vividas solidariamente por todos os povos, aumentaram a convicção de que todos têm interesses comuns e os problemas económicos, sociais e políticos devem ser resolvidos numa nova escala supranacional: umas vezes regional, outras continental e outras mundial”.¹ A investigação do insigne académico e a atenção especialíssima às dinâmicas de globalização emergentes, premonitoriamente expressas nesta publicação de 1952, apontavam já então para a necessidade de adaptação gradual das estruturas políticas e económicas de modo a responderem aos novos dilemas internacionais.

A visão ímpar que aqui evocamos quase que ilustraria por si só o papel crucial de Lúcio Craveiro da Silva na fundação dos estudos de Relações Internacionais no nosso país – que tem em Adriano Moreira outro dos seus maiores pioneiros – uma área do saber que até ao 25 de Abril não tinha presença autónoma no ordenamento universitário português. Mas, como recorrentemente acontece com os espíritos maiores, o Prof. Lúcio sempre fez questão de remeter para o plano institucional quaisquer méritos da iniciativa: “A Universidade do Minho guiada pelo espírito desperto dos seus fundadores não se limitou a repetir os cursos tradicionais, mas lançou-se também a criar outros cursos que respondessem à nova situação histórica de Portugal”. E, explicava: “Foi grande erro de Portugal, nos séculos XVIII e XIX, deixar-se atrasar no seu desenvolvimento cultural, perante uma nova Europa; (...) para evitar a repetição desse erro, temos que perspectivar um novo destino cultural que seja actual e próspero, num diálogo enriquecedor com a Europa que está criando a União Europeia e onde devemos pretender ocupar um lugar vivo, honroso e culturalmente fértil”. Estas foram também premissas subjacentes à criação pioneira do curso de Relações Internacionais em 1975, que, diga-se, sempre as assumiu como nucleares.

Este domínio do conhecimento constitui mesmo – nas sábias palavras de Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, outro nome grande no seu processo de consolidação institucional – uma área estruturante da própria Universidade do Minho pois possibilitaria a criação das áreas da Economia, do Direito, da Filosofia, dos Estudos das Sociedades e Culturas, da Comunicação Social, das Línguas Vivas, entre outras. Em mais uma expressão do espírito inovador, o Mestrado em Estudos Europeus foi o primeiro a entrar em funcionamento em Portugal no domínio específico da integração europeia no ano de 1987. Aliás, vivemos hoje na UE um momento especialmente exigente, não podendo Portugal deixar de estar presente na formulação da vontade europeia. Segundo o Prof. Lúcio, o projecto europeu constitui o maior desafio económico e diplomático de Portugal. “É a nossa aventura. E Portugal sempre foi feliz quando soube aventurar-se”. Verdadeiramente notável!

A academia portuguesa tem, assim, na UM, a instituição primordial em matéria de reflexão aprofundada sobre o fenómeno internacional nas suas múltiplas vertentes, como acentuara expressamente em despacho ministerial de 1983, o ministro dos negócios estrangeiros, Vasco Futscher Pereira. Neste sentido, cumpre aqui uma referência especial aos embaixadores que leccionaram na Universidade do Minho – Albano Nogueira, Luiz Gaspar da Silva, e José Manuel Villas-Boas – cujo contributo para o sucesso do modelo de formação em Relações Internacionais desta instituição foi fundamental. Com efeito, a presença de três dos mais prestigiados diplomatas portugueses das últimas décadas no seu claustro de professores decorreu de uma preocupação permanente do Prof. Lúcio em assegurar uma ligação institucional com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, e, assim, assegurar uma maior proximidade com a componente mais prática do exercício da política externa. Esta ligação especial ao MNE viria a traduzir-se ulteriormente nas oportunidades de estágio no ministério e nas embaixadas e representações diplomáticas, bem como nos convénios com o Instituto Diplomático.

O pioneirismo e o dinamismo permanente do curso, claramente tributário da inteligência prospectiva e da clarividência do Prof. Lúcio, viria a ter expressão, entre muitas outras manifestações com repercussão nacional e internacional, nos prestigiados colóquios de Relações Internacionais levados a cabo ininterruptamente ao longo dos últimos trinta e cinco anos, merecendo aqui nota de especial destaque a perseverança do Centro de Estudos do Curso de Relações Internacionais (CECRI). Estes colóquios, que polarizam anualmente na academia minhota o debate qualificado sobre as grandes questões internacionais, chegaram a constituir, no dizer de Carlos Albino, antigo correspondente diplomático do *Diário*

de Notícias, “a gota de água no deserto do debate em torno da acção externa do Estado português” (*Diário de Notícias*, edição de 21 de Abril de 1994, pág. 8). O reconhecimento do carácter precursor levaria, nomeadamente, à escolha da UM como anfitriã do *Seminário Internacional da UNESCO sobre a Evolução Recente das Ciências Políticas*, em 1987 – organizado por proposta do então embaixador de Portugal naquela organização, Prof. José Augusto Seabra –, e do *Congresso oficial Portugal-Brasil de Ciência Política e Relações Internacionais*, realizado no ano 2000 por escolha dos governos português e brasileiro, importantes iniciativas a quem nos foi atribuída a respectiva coordenação.

Mais recentemente, a consolidação do Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais (NICPRI) que conta com o dinamismo e o trabalho não só de docentes e investigadores da Universidade do Minho e da Universidade de Évora, mas também de outras instituições portuguesas e estrangeiras, representa um enorme valor acrescentado para o desenvolvimento da área em Portugal, sendo a publicação da revista *Perspectivas – Portuguese Journal of Political Science and International Relations*, editada desde 2005, cujo título tivemos a honra de propor, um dos seus mais significativos exemplos.

Por último, numa nota de tonalidade mais pessoal, é imperioso que refira, no ano em que se comemora o centenário do seu nascimento, que devemos ao Professor Lúcio Craveiro da Silva – de cujo último grupo de alunos tivemos a honra de fazer parte, antes da sua eleição para reitor da Universidade do Minho em 1981 – a influência mais decisiva de uma caminhada já longa no âmbito dos estudos internacionais. O privilégio das suas aulas sobre Bodin, Serafim de Freitas, Grócio, Hobbes, Locke ou Rousseau continuam bem vivas na memória, e foram, no que a nós respeita, a “chamada” mais cintilante para a docência universitária. Mas, este muito singelo apontamento visa sobretudo dar público testemunho do contributo mais amplo do Prof. Lúcio para o domínio da Ciência Política e Relações Internacionais, contributo que, na nossa óptica, não teve ainda a homenagem que se exige, consequência porventura de uma perspectiva algo redutora do seu enorme legado. Ora, como afirmava Lúcio Craveiro da Silva, “(a)s universidades têm sempre que reflorescer como centros vivos de Cultura dentro da sociedade, devendo em cada momento saber criticar, para fecundar e construir”. *Quod erat demonstrandum!*

¹ Cf. Silva, Lúcio Craveiro da. *A Idade do Social: Ensaio sobre a Evolução da Sociedade Contemporânea* (2ª edição aumentada), Braga: Livraria Cruz, 1959 (1952).